

Amor e política em tempos de rede social online

Love and Politics in Times of Online Social Network

Daniel Menezes Coelho, Joelma Galvão de Lemos

Resumo

A maneira como os sujeitos se relacionam com os seus próximos, como demonstram seus afetos, têm uma íntima relação com o modelo da sociedade em que vivem. Atualmente temos assistido, através das redes sociais online, mais uma forma de agenciamento dos afetos. Nas plataformas online, vemos não apenas a exibição da vida privada do internauta em suas páginas, como a demonstração do afeto entre sujeitos que estão se relacionando amorosamente com outro, assim como a exibição dos afetos que esses sentem quando seus relacionamentos amorosos terminam. É possível ver também, como o posicionamento político de cada internauta pode interferir na manutenção e ou término de suas amizades. Essa nova forma de sociabilidade online produz ao mesmo tempo novas formas de afetos íntimos, assim como novas formas de afetos políticos, marcados não apenas pela facilidade de criação de novos laços, mas também pela facilidade dada pela rede, do desligamento de laços social virtual.

Palavras-chave

Amor, política, redes sociais online.

Abstract

The way subjects relate to their near, as their affections show, are closely related to the model of society in which they live. Currently we have watched, through online social networks, another form of agency of affections. In the online platforms, we see not only the display of the privacy of the Internet user on their pages, but also the display of affection between subjects who are lovingly related to each other, as well as the display of the affections they feel when their love relationships end. You can also see how the political positioning of each Internet user can interfere with the maintenance and or termination of their friendships. This new form of online sociality produces at the same time new forms of intimate affections, as well as new forms of political affections, marked not only by the ease of creating new ties, but also by the ease given by the network of the disconnection of virtual social ties.

Keywords

Love, politics, online social networks.

Daniel Menezes Coelho

Universidade Federal de Sergipe

Professor Associado I da Universidade Federal de Sergipe e Professor Permanente do Núcleo de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe.

daniel7377@gmail.com

Joelma Galvão de Lemos

Universidade Federal de Sergipe

Psicóloga, Psicanalista, Mestre em Psicologia Social e Doutoranda em Psicologia/PPGPSI-UFS.

joelmalemos@outlook.com

A maneira como alguém se relaciona com seus próximos – sua família, seu grupo de amigos, aqueles com quem mantém relações afetivas – tem uma íntima relação com a forma da sociedade em que ele vive. De um lado, o agenciamento dos afetos influencia e define o modelo de vida social, política, cultural e econômica de cada época. De outro lado, esses agenciamentos são codificados pela forma dos laços sociais. Assim, o circuito dos afetos sofre e causa mudanças das relações sociais (SAFATLE, 2016).

De acordo com Elias (2011 [1939]), o surgimento do estado absolutista determinou a contenção e a moderação das paixões, a substituição dos hábitos rudes, soltos e desinibidos das classes guerreiras das sociedades feudais por hábitos refinados, polidos e civilizados obrigados pelas sociedades de corte. Nesse cenário, “o código do comportamento torna-se mais rigoroso e aumenta o grau de consideração esperado dos demais” (ELIAS, 2011[1939], p. 87). Os afetos e suas demonstrações passam, assim, ao âmbito privado, ao íntimo, às fronteiras estabelecidas entre o eu e o mundo exterior, e no limite, às fronteiras entre o eu e o inconsciente. Pode-se dizer que há aí uma estratégia de poder, mais afeita a uma nova forma social, que substituiu um modelo de poder baseado na guerra, por um outro baseado na influência, na diplomacia e na intriga, mais próprio à vida codificada e hierarquizada das cortes.

Com a chegada à contemporaneidade, a privacidade passa, de forma gradativa, a fazer parte do público, ganhando assim uma importância cada vez maior. “Multidões de pessoas estão agora preocupadas, mais do que nunca, apenas com as histórias de suas próprias vidas e com suas emoções particulares. Esta preocupação tem demonstrado ser mais uma armadilha do que uma libertação” (SENNET, 1988, p. 17). Se cuidar de si e conhecer a si mesmo são marcas da sociedade moderna e contemporânea, com o advento da internet, dos primeiros grupos sociais online e atualmente através das plataformas sociais online, isso já não basta. É preciso também saber divulgar a si mesmo nessas redes: quem é, o que está fazendo, com quem, se está solteiro ou num relacionamento, se vota à direita ou à esquerda.

Para Eva Illouz (2011), o ato de publicar um perfil no qual se divulgam informações pessoais converteu o “eu privado numa representação pública” (ILLOUZ, 2011, p. 113). Ou seja, o internauta, além de navegar por vários sites e plataformas, passa também a divulgar e administrar sua imagem no mundo virtual. Podemos dizer, nosso “eu virtual” passou, a partir do momento em que se divulga na rede, de uma instância de consciência que busca acesso a informação e conhecimento, a uma forma na qual se evidencia sua inscrição no registro imaginário, aquele das identificações e do narcisismo.

Buscar saber da vida alheia através das redes sociais online é, atualmente, algo comum e corriqueiro. Muitos navegadores publicam tudo ou quase tudo que acontece em seu dia a dia. Já outros preferem postar apenas o que consideram bom e importante. Há aqueles que marcam e organizam eventos, divulgam manifestações sociais, culturais e políticas. Há quem venda produtos e serviços. Há um intenso compartilhamento de notícias, textos de opinião política, textos de opinião amorosa. O compartilhamento é o grande sinal de concordância das redes, um grau acima da curtida. Há ainda aqueles que apenas mantêm uma página a fim de acessar e acompanhar as páginas de outros amigos. Esses geralmente publicam pouco, mas isso não quer dizer que não estão online. Estão ali observando o movimento, como o polo oposto e necessário a toda exibição.

Essas são algumas das maneiras pelas quais internautas agem nas redes, principalmente nas grandes redes do Facebook e do Instagram. Para eles, conhecer alguém que não tem uma página em alguma rede social online soa estranho, e a ideia de viver sem acesso à internet, às redes, aos

smartphones e computadores é inimaginável. A publicização da vida privada, através da postagem de fotos e vídeos, dos pequenos atos cotidianos, do prato do almoço, do encontro com os amigos, do exercício na academia; mas também das opiniões e ideais políticos, sociais e culturais; como ainda das opiniões e ideais sobre o sexo, o afeto e o amor, ainda que na forma do observador de tudo isso, torna-se cada vez mais corrente, naturalizada, e mesmo exigida.

Gerenciar essas postagens demanda não apenas tempo, mas também um forte investimento afetivo, visto que o que é publicado é escolhido e selecionado minuciosamente a fim de causar alguma impressão em quem a vai acessar. Publicar o que quer que seja nas redes sociais inclui, assim, um cálculo sobre o afeto que a postagem quer causar.

Lembremos que, para Eva Illouz (2011, p. 9):

o afeto não é uma ação em si, mas é a energia interna que nos impele a agir, que confere um 'clima' ou uma 'coloração' particulares a um ato. Por isso, o afeto pode ser definido como o lado da ação que é 'carregado de energia', no qual se entende que essa energia implica, simultaneamente, cognição, afeto, avaliação, motivação e o corpo. Longe de serem pré-sociais ou pré-culturais, os afetos são significados culturais e relações sociais inseparavelmente comprimidos. [...] O que faz o afeto transportar essa 'energia' é o fato de ele sempre dizer respeito ao eu e à relação do eu com outros culturalmente situados.

Essa relação do eu com os outros varia de acordo com a ligação afetiva entre eles (ILLOUZ, 2011). O internauta, ao publicar uma foto na balada acompanhado de garotas, pode ser interpretado de maneiras diferentes, variando de acordo com a ligação entre quem publicou e quem acessou a postagem. O pai, ao ver seu filho acompanhado de garotas, pode ficar feliz com a imagem máscula e feliz de sua prole. Já sua mãe pode ficar enciumada de vê-lo na farra, e preocupada por ele estar certamente alcoolizado, lembrando com algum carinho da ex-namorada de seu filho que lhe parecia mais comportada. A ex-namorada talvez fique irritada, até mesmo com ódio. As garotas da foto quem sabe compartilhem o material em sua própria página. Alguns de seus amigos vão atestar a sua aprovação com um "like". Alguns, quem sabe ex-namorados daquelas garotas que compartilharam a foto, sentirão raiva. Outros, interessados nelas, sentirão inveja. O que é sentido a partir da visualização de uma publicação varia de acordo com a relação afetiva entre os navegadores (ILLOUZ, 2011).

O amor nos tempos de redes sociais online

O gerenciamento das publicações nas redes é particularmente importante no que tange às relações amorosas. Disso nos dão notícias bastante frequentes produtos culturais de grande disponibilidade, como filmes e séries que tratem de romances no mundo contemporâneo, e muito especialmente os que se dedicam aos romances adolescentes. Mas também é a escuta clínica que o testemunha. O divã da análise desde o início acolhe os dramas da vida amorosa, e é dali que ouvimos o que se segue.

Tal gerenciamento, portanto, é importante primeiramente porque as redes são hoje um meio extremamente comum para a aproximação entre possíveis amantes, que trocam likes, adicionam-se nas páginas uns dos outros, mantêm contato primeiramente pelas grandes redes do Facebook e do Instagram, para depois passarem ao ambiente virtual mais privado do WhatsApp, o que pode, em algum momento, tornar-se um encontro cara a cara entre os dois. Eles podem provocar-se com nudes, podem enviar e receber "textões" onde declaram seu amor, seu ciúme, sua raiva; onde

justificam-se por atos passados; onde expõem sua satisfação ou insatisfação com o parceiro. Podem ainda investigar a vida do aspirante a parceiro, pesquisando seus posts, seus contatos, suas fotos, o que declara como interesses, suas posições políticas, sua profissão religiosa.

É também o lugar da legitimação social de um casal que se constitui. Assim, pode ser preciso pensar duas vezes antes de publicar uma foto com o possível parceiro. Adiantar-se e publicar algo sem a autorização do outro pode resultar em mal-estar. Por outro lado, o êxtase do apaixonamento praticamente obriga uma postagem, como um extravasamento daquele êxtase a dois para o resto do mundo. Mas é comum a desconfiança quanto àquele êxtase, quanto àquela felicidade extravasada. Não seria ela falsa, feita apenas para o olhar dos outros? Não estaria ali para apagar a verdadeira infelicidade daquele casal? Aliás, seria prudente mostrar-se feliz demais, na medida em que isso pode ser interpretado como felicidade de menos?

Do momento do término, a escuta registra frequentemente que entre os primeiros atos pós-rompimento, deve estar o da limpeza nas redes sociais. Pode-se dizer que se trata aí do processo de luto, momento de separação com os registros daquela pessoa que ficaram gravados na linha do tempo. Mudar seu status de relacionamento, apagar as fotos do ex-casal, é obrigatório. A depender dos ódios despertados, é preciso também bloquear o perfil do outro. É possível mesmo estabelecer um perímetro de segurança, e bloquear não apenas o ex-amante, mas todos aqueles que possivelmente possam prestar informações a ele. O que fazer se, entre seus contatos, estão os do pai e da mãe do ex-amante? Quanto às fotos, é possível mantê-las no HD ou na nuvem, guardadas, longe dos olhos do público. É possível também deletá-las todas. Como se fosse possível deletar aquele outro e a história que o sujeito viveu com ele. Como se, aliás, isso tudo se constituísse como uma espécie de etiqueta, de passos obrigatórios ensinados pelo social, como o que todo mundo mais ou menos bem educado faz ou devia fazer quanto aos seus amores e suas demonstrações em redes online.

Lembremos ainda da origem dos perfis fake, que produzem hoje um pesadelo político: nos primórdios das redes sociais – temos em mente o já desativado Orkut, que fez muito sucesso no Brasil – o perfil fake era um fenômeno individual, no qual um sujeito criava uma conta com informações fictícias, que tinha como propósitos frequentes, por um lado, a fantasia (tornar-se outro, entregar-se virtualmente a práticas interditas no real), e por outro lado, manter, em anonimato, um acesso ciumento à página do ex-amante.

Depois de tudo, resta assumir nas redes a condição de solteiro, mudar novamente o status de relacionamento, produzir e escolher novas fotos, adicionar novos contatos atraentes, e quem sabe, baixar o Tinder.

Se antes do advento da internet o sujeito tinha que dizer para alguns familiares e amigos quando estava com um novo parceiro, assim como lhes informava quando o relacionamento terminava, agora ele também gerencia o início, o desenvolvimento e até o término desse, via redes.

É possível constatar a importância das postagens na criação, manutenção ou término dos laços afetivos não apenas entre casais, mas também entre amigos. O próximo tópico apresenta algumas postagens recolhidas no Facebook, em uma pesquisa de mestrado que tinha como objeto o ódio como afeto político em postagens do Facebook, e situada historicamente pela alta polarização política que aconteceu em torno do impeachment de Dilma Rousseff, da caça jurídica a Lula, e da eleição de Jair Bolsonaro. Elas ilustram o quanto as posições políticas e ideológicas podem interferir na continuação de uma amizade.

O espelho e a bolha

No Facebook é permitido publicar quase tudo o que se quer, da maneira como se desejar. As redes sociais produzem a sensação de um enorme ganho de liberdade de expressão, assim como amplificam também o que muitos podem considerar como os abusos da liberdade de expressão. Uma provocação corrente afirma, quanto a posts polêmicos, que “vê quem quer, quem não quer ver que não me siga”. Trata-se talvez de uma confissão de abuso, mas é também um convite ao rompimento, convite que, especialmente na época da pesquisa, era fartamente aceito. A liberdade de postar o que se quisesse, incendiada por um momento político complicado, provocou um mal-estar tal que foi respondido pelo rompimento das vias de comunicação com o outro, ou seja, desfazendo-se e bloqueando-se as conexões entre perfis de usuários. Os comentários a seguir foram retirados do Facebook em 2016 e 2017 e ilustram esse processo, no qual amizades virtuais e reais desfizeram-se aos montes, realinhando os laços afetivos a partir dos posicionamentos na polarização política e ideológica, assim como dos limites éticos implicados nessas posições.

Internauta 1: FACISTA HOMOFÓBICO NA PUTA QUE O PARIU! (FACEBOOK, 2016).

Internauta 2: CONTINUO EXCLUINDO OS ESQUERDOPATAS E ANTI-BOLSONAROS SE QUISEREM ADIANTAR-SE ME EXCLUA ANTES QUE EU DESCUBRA SEM MAIS DELONGAS.... FODA-SE (FACEBOOK, 2017).

Internauta 3: Vou entupir sua página de Jair Messias Bolsonaro, anti- Pt-PMDB etc SIM! Acha opressor as minorias? Me acha babaca? Me exclui aí, vou ficar grata pela sua proatividade! Enquanto essa palhaçada não acabar, vai ser assim. Um bjo a todos (FACEBOOK, 2017).

Internauta 4:Acabei de excluir 17 “amigos”, que curtem a página do Bolsonaro... o pior que a maioria são negros! Vai curtir página de RACISTA (FACEBOOK, 2017).

Internauta 5: Tb tenho faxinado o meu face! Não admito fascismo na minha time line (FACEBOOK, 2017).

Em situações como as descritas nesta pesquisa, em que muitos navegadores deixam claro o que pensam e o que defendem, o internauta percebe que alguns de seus amigos, com os quais se identificava e mantinha vínculo, estavam na verdade no outro lado do espectro da polarização. Aquele que era considerado um igual, uma imagem no espelho, uma projeção do eu no outro, subitamente mostrou traços e posições que despertaram ódio, embaraço, decepção, e franco estranhamento, produzindo uma rachadura no espelho em que essa imagem se forma. Seguiu-se a isso uma tentativa de sutura desse espelho quebrado, nas formas de “limpas” nas listas de contatos, como podemos ver nos próximos comentários:

Internauta Antônio : Ando fazendo uma limpeza no meu perfil do facebook e não quero saber de opinião de coxinha e depravado. Aliás opinião todo mundo é importante que tenha. Agora a pessoa vem no seu perfil na maior falta de respeito, mesmo sabendo do seu posicionamento político, ainda é capaz de tentar te convencer de que Lula é bandido. Além domais essas pessoas apostam no ódio, querem atijar a brasa de qualquer maneira.

Julgam sem saber da realidade dos fatos. Querem que eu concorde com a Globo. Querem que eu mesmo não sendo leitor da Veja que eu acredite nela. Mas nem a pau. Por isso estou mandando esse povo lá pra aquele lugar, pra junto do Trump que lá vão se sentir satisfeitas e felizes (FACEBOOK, 2017).

Internauta Maria: Já aceitei solicitação de pessoas no meu face exatamente porque eram amigas de pessoas como vc Antônio e Pedro, mas são pessoas que não merecem minha amizade. Não que eu seja a favor de pensamento único, mas são pessoas que sabem minha posição, mas não consegue respeitá-la. Inclusive vêm xingar o Lula no meu perfil. São pessoas q não conseguem pensar sequer com um lado do cérebro. Vou fazer o mesmo q vc e dar um limpa no meu. Não quero contato com essa gente...vá procurar seus ídolos – Aécio, Moro, Gilmar Mendes, Serra, enfim, os arrecadadores de grana em quermesse de Igrejas, os santos do pau oco, os moralistas sem moral, etc... (FACEBOOK, 2017).

Esse último comentário ilustra que Maria aceitou algumas solicitações de amizade, porque se tratava de amigos de seus amigos, neste caso de Antônio e também de Pedro, ou seja, pessoas a quem a internauta tem uma certa consideração. Contudo, ao ver um desses, no caso Antônio, desfazendo amizades, esclareceu que também iria seguir o seu exemplo e desfazer as amizades com os amigos dele.

De fato, o fenômeno se alastrou pelas redes sociais brasileiras. Não deve ter havido, na sua história, um momento tão fortemente marcado pela quebra de conexões entre pessoas. Também é possível especular que essas quebras tenham sido acompanhadas, em contraparte, de um incremento de novas conexões com novas pessoas, mais afinadas à posição política do internauta que o adiciona. Mesmo que se tratem de desconhecidos, eles lhe parecem menos estranhos nesse ponto do que aquela pessoa, conhecida de longa data, que revelou estar, quanto ao espectro político, no polo “oposto” (o que quer dizer simplesmente que seja um polo que cause horror). Toda essa reconfiguração de conexões virtuais entre pessoas produz, ao final, “bolhas”, nas quais tudo é espelho, tudo que vejo é o espelho do meu próprio “perfil”.

O que é reforçado ainda pela presença invisível do algoritmo, que rege a exibição de material dentro das redes, e que tem como princípio fundamental manter o usuário interessado e satisfeito.

Para as psicanálises de Freud e de Lacan, não é apenas verdade o fato de que o eu estabelece laços com aqueles que pode supor como iguais (FREUD, 1996 [1921]). É verdade também que ele se iguala aos outros com quem mantêm laços. Assim, o termo “identificação”, nas obras desses autores, relacionam-se à própria formação do eu - um “precipitado de identificações”, segundo Freud (1996 [1923]); uma totalidade ortopédica que resulta da alienação do sujeito na imagem do outro durante o estágio do espelho, segundo Lacan. Se por um lado, essa consideração sublinha a dimensão enganosa do eu imaginário, por outro lado evidencia também que a sua formação é o resultado efetivo da relação do sujeito com o outro.

A rachadura do espelho nas redes sociais ameaçou a totalidade ortopédica do eu com fantasias de despedaçamento. Obrigou a uma operação de separação, de purificação do “eu virtual” e dos contatos que mantém, e assim, do que é visto na navegação pela rede. O que tornou-se estranho, ainda que muito familiar, pôde ser virtualmente eliminado, apagado, deletado, em prol da fantasia da totalidade ortopédica, senão das relações sociais, ao menos das relações em redes sociais.

O que não nos desobriga a pensar que essa tenha sido a via de muitos para suportar alguma presença dos seres do “outro lado”. Ou seja, a condição de que, deles, não se precise receber constantemente notícias.

Mas e depois? O que virá a seguir? Afinal, são tais totalidades que criam o “outro lado” pela expulsão dos diferentes, organizando dessa forma os afetos, de modo que dentro haja apenas amor e concordância, com todo ódio e discórdia localizados do lado de fora. Não deveríamos alertar sobre as previsões, nesses casos, da teoria das pulsões? Afinal, segundo ela, “[...] quanto mais constituímos as nossas comunidades sem relação com o exterior, mais cultivamos o ódio em nome do amor [...]” (DIAS, 2012, p. 36). Inviabilizamos, assim, qualquer possibilidade de convívio com o diferente, e passamos a concebê-lo como um inimigo (BIRMAN, 2010; FREUD, 1996 [1921], LEMOS, 2018).

Considerações finais

Os circuitos dos afetos íntimos não estão separados do circuito dos afetos políticos. Os dois se influenciam mutuamente. Destacamos que a ascensão do absolutismo teve como consequência uma retração dos afetos para a esfera privada; e que a contemporaneidade, por sua vez, colocou cada vez mais em evidência pública essa mesma esfera. Isso culmina, segundo nosso raciocínio, no surgimento das redes sociais online, nas quais o usuário pode produzir uma versão de si para o outro, dando publicidade à sua vida íntima.

O surgimento das redes provoca mudanças nas formas afetivas, que acabam por inscrever-se como um código, ainda que não escrito, de comportamento na vida amorosa e na sua demonstração para o outro. Relacionamentos amorosos contemporâneos iniciam-se, desenvolvem-se e terminam pelas vias das redes sociais, seguindo uma série de regras. Os fins de relacionamento são frequentemente acompanhados de desligamento das ligações virtuais e de apagamento dos traços deixados online pelo relacionamento. Podemos ver nisso tanto uma tentativa de luto, como uma tentativa de apagamento do outro.

O momento de polarização política brasileira produziu uma onda de desligamentos das relações entre pessoas nas redes sociais. Tentamos demonstrar como essa polarização é essencialmente afetiva, e dispõe dos mesmos métodos do mundo afetivo. No entanto, nossa comparação deve parar no seguinte: no que concerne à vida amorosa, o desligamento das conexões virtuais com o ex-amante parece fazer parte de um processo, aliás codificado socialmente, de luto, o que leva a crer que o apagamento do ex-parceiro é o que, de certa forma, abre espaço para o novo parceiro. No que concerne à vida política, no entanto, esse desligamento não pode ser considerado como luto. O que resulta dele não é (apenas) uma energia livre, disponível para novas relações, mas a criação de um outro ameaçador, que deve ser “limpado” do pequeno domínio estabelecido pelo eu no seu perfil de rede social.

A nova forma de sociabilidade online produz ao mesmo tempo novas formas de afetos íntimos, assim como novas formas de afetos políticos, marcados não apenas pela facilidade de criação de novos laços, mas também pela facilidade, dada pela rede, do desligamento de laços e da purificação do ambiente social virtual.

Sobre o artigo

Recebido: 10/04/2019

Aceito: 05/05/2019

Referências bibliográficas

BIRMAN, J. Governabilidade, força e sublimação: Freud e a filosofia política. **Revista Psicologia USP**: São Paulo, jul./set., 21(3), 2010, 531-556. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42058>. Acesso em: 15/01/2018.

DIAS, M. M. **Os ódios**: clínica e política do psicanalista, seminário / Mauro Mendes Dias. São Paulo: Iluminuras, 2012.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador**: formação do estado e civilização (1939). Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. v. 1.

FREUD, S. Psicologia de Grupo e a análise do ego (1921). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVIII, p. 79-156.

FREUD, S. O ego e o id (1923). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIX, p. 15-82.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

LEMONS, J. G. **O uso político do discurso de ódio no Brasil**: um estudo de caso no Facebook. 2018, 105f. Dissertação (Mestra em Psicologia Social) —Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão: 2018. Disponível em: <<http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/10106>>. Acesso em: 01/11/2019.

SAFATLE, V. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do vínculo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SIGNIFICADO de WhatsApp. **Significados** (site). Disponível em: <<https://www.significados.com.br/whatsapp/>>. Acesso em: 06/11/2019.

SENNET, R. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.